

HEITOR HAMILTON ALMENDRA

Oficial de Cavalaria, Pára-quedista, Patriota

Nasceu a 18Dez1932 no Zoio, freguesia do concelho de Bragança; filho de Aurísia da Conceição Quintino (de Vinhais), e de António Augusto Almendra (de Vila Flor).

Na escola de Penhas Longas faz a instrução primária; e em Bragança o curso dos liceus.

Em Out1951 ingressa na Escola do Exército, onde conclui o curso de cavalaria, qualificado como campeão de saltos em comprimento e em altura.

Em 1954 completa o tirocínio na EPC-Torres Novas, colocado no RC6-Porto.

Em 1955 promovido a alferes do quadro de cavalaria e transferido para o CMEFED-Mafra, onde faz o curso de educação física.

Em 1956 nomeado para comissão militar na Província Ultramarina de Timor, a fim de comandar um Esquadrão de Cavalaria cuja missão consiste na vigilância e fiscalização da fronteira ocidental.

Em Set1958, tenente, regressa a Lisboa e fica colocado no RC7-Ajuda. Um mês depois, oferece-se para as tropas pára-quedistas.

Em 1959 frequenta no BCP-Tancos o 8º curso de pára-quedismo.

- «O pára-quedista tinha a recruta normal, dois meses e meio, tinha o curso de pára-quedismo que durava quatro semanas e depois tinha uma instrução de combate de cinco meses. [...] A instrução de combate era dada em Tancos. [...] Culminava com uma nomadização [...] na serra da Amêndoa, para os lados de Abrantes, Mação. Tínhamos cenários preparados para golpes-de-mão imediatos, emboscadas imediatas, limpezas de talvegue, reacção à emboscada, contra-emboscada, etc. [...] Os homens andavam no campo durante três semanas, eram sujeitos a diversas situações tácticas, inclusivamente passavam um dia inteiro sem comer. [...] Não havia uma táctica fixa, havia procedimentos técnicos correctos ou incorrectos. [...] Uma coisa essencial era dar muito tiro instintivo porque, em determinadas alturas, quem disparasse primeiro era quem sobrevivia.»

Em 06Nov1959 conclui o curso de pára-quedismo militar e obtém o brevet nº 479. No início de 1960 promovido a capitão.

- «Em 1960 deslocaram-se 2 oficiais [pára-quedistas] à Argélia, o tenente Sílvio Jorge Rendeiro de Araújo e Sá (que já morreu), e o tenente Ângelo Mendes da Silva e Sousa, para se aperceber das questões de instrução junto dos pára-quedistas franceses que estavam na Argélia. A missão deles era a de recolher o maior número de elementos para depois montar cá a instrução de contra-guerrilha. O cérebro daquilo foi o Araújo e Sá, que montou uma instrução fantástica. [...] Os pára-quedistas estavam em Angola desde fins de 1960. [...] Estava lá um pequeno núcleo constituindo um centro cinotécnico, como tratadores de cães de guerra, por causa da segurança da BA9. [...] O caso do Santa Maria, que envolveu os pára-quedistas: foi para o Sal um pelotão reforçado, de cerca de 60 homens, que era uma subunidade vocacionada para acções aeroterrestres, não propriamente para a contra-guerrilha. Quanto ao armamento, pouco tempo antes tínhamos armas Mauser e FBP. O EMFA ou o general Kaulza, não sei, tinha feito um contrato para adquirir 5 mil AR-10 [Armlight] à Holanda:



a AR-10 era de fabrico holandês sob licença dos EUA; era uma arma extraordinária, automática 7.62, maior e melhor do que a G-3. [...] As técnicas apreendidas na Argélia foram introduzidas progressivamente, porque eles [os dois tenentes PQ's] chegaram [a Tancos] muito pouco tempo antes dos acontecimentos de Março. Essa instrução foi exemplarmente montada por eles. [...] Após os acontecimentos de 15 de Março, penso que foi logo em 17 de Março de 1961 que os primeiros pára-quedistas saíram para Angola, em pelotões. Foram os efectivos que era possível levar nos aviões Superconstellation da TAP, provavelmente sessenta indivíduos. [...] Entretanto tinha sido comprado equipamento americano, cartucheiras, suspensórios, mochilas, etc. [...] Depois [em 19Mar61] foram mais 60 e formaram a 1ª companhia [1ºCCP/BCP21] [...] A 1ª companhia foi equipada com material americano.»

Ninguém sabe se vai para o Ultramar por 2 anos, se por mais ou menos tempo: apenas levam dois camuflados de combate, dois pares de botas, mochila, roupa interior e nada mais; (depois mandam vir outras coisas da Metrópole, outras compram em Luanda). A incerteza é grande, a tropa não está preparada para aquele tipo de operações; os próprios pára-quedistas sentem algumas dificuldades. A par das acções de guerrilha táctica, por vezes a UPA ataca em massa, empurrada pelos chefes em nome de crenças étnicas.

- «Foram logo empregues [em 16Mar1961 as equipas cinófilas de PQ's da BA9], não com cães mas com armas. Esses pára-quedistas estiveram, por exemplo, na Damba e no 31 de Janeiro. [...] O tenente Veríssimo foi um dos homens que estive lá [em 12Abr61] e que teve um comportamento fantástico na Damba e no 31 de Janeiro, com este pequeno núcleo de oito ou nove pára-quedistas. [...] Os grupos inimigos, no princípio não eram de guerrilha. Eram bandos e faziam ataques em massa, com cinco mil homens. O [tenente pára-quedista] Manuel Claudino Martins Veríssimo, por exemplo, chegou a estar cercado por mais de 5 mil homens na Damba. Às 2 da manhã começava o batuque e eles vinham, e começávamos a aviar neles. No princípio diziam “Maza, Maza, Maza”, que queria dizer “Água”, que as nossas balas eram água. Mas depois viam que não era “maza” coisa nenhuma, porque começaram a cair que nem tordos. [...] No princípio, a grande maioria das armas que [os terroristas] tinham eram canhangulos e as outras armas eram de repetição – que na sua maior parte tinham sido apanhadas às administrações, aos cipaios –, que eles chamavam “fina” porque era comprida. Logo no princípio eles fizeram abatizes, isolaram as povoações dos brancos e deixou de haver possibilidade de fazer a comunicação via-auto. Para se comunicar, ou se ia a pé ou se tinha que fazer uma operação de limpeza. [...] Após o 15 de Março houve uma condenação de Portugal na ONU e foi a muito custo que a Holanda nos forneceu 1500 armas [AR10]. Já tinham ido 2 pelotões para Angola e depois ia-se reforçando.»

Ao início da tarde de 28Abr1961 desembarca na BA9, a fim de assumir o comando da 2ºCCP.

- «Foram mais 60 e quando foi a 4ª vaga de 60 nomearam o comandante da 2ª companhia [2ºCCP/BCP21], que fui eu. [...] O último núcleo que foi comigo já recebeu [em Tancos] estágio de uma semana de contra-guerrilha, sobretudo de deslocação em comboio-auto e montagem de segurança. [...] Vim de Tancos sem armas e recebi as armas no aeroporto de Lisboa, na Portela. Tinha ido um avião buscar as armas [AR10] à Holanda e entregaram-mas ali. [...] O nosso médico, de quem já não me lembro o nome, era filho de pessoas de Angola, nasceu e cresceu em Angola. [...] Levei a AR-10 e o equipamento [inglês] modelo 43. [...] Fui para Angola no dia 27 de Abril de 1961. [...] Quando cheguei a Luanda, fomos transferidos do avião da TAP para 2 aviões Noratlas e fomos fazer a segurança da base do Negaje. [...] Cheguei ao Negaje no dia [29Abr61] em que morreu o 1º pára-quedista em Angola, Joaquim [Afonso] Domingues, que era da minha companhia e era um dos tais 60 que já lá estavam. Um grupo de pára-quedistas partiu do Negaje em viaturas civis de fazendeiros, e foi em socorro de Mucaba: foram assaltados [às 15:00 de 29Abr61] no caminho [a 12km norte do Negaje] por centenas e centenas de pretos; no meio daquilo morreram o Domingues e 1 civil. [...] Estive [no AB3-Negaje] 2 dias. [...] Era o comandante de 1 companhia que tinha 4 pelotões mas, como os meios eram pouco, nós éramos utilizados onde era necessário: um pelotão meu foi fazer a segurança do aeródromo do Negaje; outro pelotão foi fazer a segurança de Maquela do Zombo, que era um aeródromo importante; outro foi fazer a defesa do aeródromo do Toto. [...] Lembro-me que fui fazer [em 11Mai1961] a limpeza de uma povoação [sanzala Lucunga] próxima do Negaje, na estrada para Maquela e para a Damba. A povoação estava cheia que nem

um ovo e era relativamente próxima do Negaje. Parti à 1 da manhã a pé e às 5 da manhã estava na periferia da aldeia. À noite andava-se muito pouco. Levei o pelotão de pára-quedistas que estava no Negaje a fazer a segurança, e 3 pelotões do Exército [vindos de Carmona]. Aquilo era muito próximo, não eram mais do que 12 a 15km, mas tivemos bastantes dificuldades, porque praticamente de 20 em 20 metros havia um abatiz (árvore atravessada na estrada). Lam 1 pelotão do Exército, pertencente a 1 companhia de caçadores especiais [CCE82], 2 pelotões normais do Exército [BC3] e pára-quedistas. Fizemos a limpeza da povoação, prendemos 20 ou 30 pessoas, matámos algumas. Eles estavam convencidos que nós não tínhamos força para ir lá, razão pela qual a povoação estava completamente ocupada. [...] A 2ª operação que fiz foi uma emboscada no Úcua. Fomos à paisana em viaturas civis, escoltados por 1 esquadrão – 1 ou 2 pelotões de Dragões [1ºERec/GCav1] –, que depois veio embora. Nós ficámos lá como se fôssemos empregados na fazenda do Úcua. [...] Estive lá a emboscar durante 3 dias e depois vim embora. Fazíamos todo o tipo de acções: emboscadas, contra-emboscadas, assaltos, limpezas de povoação, de zona, etc. [...] O [pelotão da 2ºCCP] do Toto foi recuperado e foi para lá a Polícia Aérea [do AB3-Negaje], portanto recuperei 1 e fiquei com 2 pelotões. [...] 2 ou 3 meses depois, em Angola distribuíram-nos equipamento americano, à medida que ia chegando. A partir de meados de 1961, todo o batalhão de Angola [BCP21] com as 3 companhias, estava equipado com AR-10 e com equipamento americano; o equipamento mod.43 inglês, que era uma porcaria, foi substituído».

Em 11Ago1961 a 1ºCCP procede em Angola, sobre Quipedro, ao 1º salto operacional do BCP21, processo ideal para actuação em zonas de acesso difícil, já que a maioria dos itinerários se encontra cortada e ainda pelo efeito psicológico do envolvimento vertical.

- «O 1º salto que houve foi o de Quipedro, quando se deu o ataque a Nambuangongo. Saltou a 1ºCCP».

Duas semanas depois, a 2ºCCP realiza sobre a serra da Canda o 2º salto operacional do BCP21, com envolvimento terrestre de tropas do Exército idas do Mavoio. A UPA considera inexpugnável aquele refúgio junto à fronteira norte e a grande operação, apesar de não resultar em grandes capturas de pessoal ou material, tem efeito psicológico eficaz sobre o inimigo e conduz à desorganização da sua estrutura na zona.

- «Ainda não havia helicópteros [de assalto]. Saltávamos de aviões Noratlas e Skymaster. Depois apareceram os Alouette II, que eram helicópteros mais pequenos. A 1ª operação em que foi utilizado 1 Alouette II para evacuações, foi na Canda. [...] Houve o salto na Canda, feito pela minha companhia [2ºCCP] em [25 de] Agosto. [...] Houve 2 pelotões da minha companhia que estiveram em Maria Teresa, quando eu estava a saltar na Canda. [...] Quando fui à Canda, levava 2 pelotões meus e 2 pelotões da 3ºCCP. Quem saltou na serra da Canda, e ao que consta, foi a 2ºCCP é verdade, mas era a 2ºCCP com 2 pelotões e outros 2 pelotões da 3ºCCP. [...] Depois houve um outro salto na fronteira com o Zaire para ocupação de Sacandica, um posto administrativo [no nordeste fronteiriço do Congo angolano]. Como não havia facilidade de comunicação por terra, resolveu-se por uma questão política e de prestígio que aquele posto era importante ser ocupado. A Sacandica foi [em meados de Set1961] um pelotão da 3ºCCP comandado pelo tenente [José] Simão Nunes, que depois passou para a minha companhia».

O 2º salto operacional da 2ºCCP é realizado no início de Out1961 sobre a Inga, durante operação de grande envergadura na zona do Toto e Vale do Loge.

- «A minha companhia fez depois um salto na Inga. Era uma operação de coordenação, entravam muitas companhias do Exército».

Em Nov-Dez1961 a 2ºCCP participa na Operação Ventarola a sul do Onga, entre o Bom Jesus e Catete.

- «Os métodos mudavam à medida que íamos acumulando experiência. No início, quando éramos nomeados ou nos oferecíamos, julgávamos que íamos estar sempre a dar tiros, mas na verdade davam-se poucos tiros. Da primeira vez que íamos para uma missão levávamos doze carregadores, mas depois já só levávamos três. Psicologicamente, no princípio havia um certo 'frisson', mas depois, pela experiência que se adquiria, ia-se criando mais à vontade. [...] Depois houve outros saltos,

também saltei em Quipedro em 1962, mas foi até por uma questão de facilidade de transporte».

Mais tarde, com 11 pára-quedistas da 2^oCCP distribuídos por 3 AL-II, leva a efeito na zona do Muxaluando, 24km sudeste de Nambuanguo, a primeira operação de heli-assalto realizada em território português:

- «Havia notícias de que em Muxaluando estava uma branca sequestrada, mas quando chegámos às cubatas estavam abandonadas. [...] Às vezes era preciso fazer uma limpeza de zona, a partir de informações vagas, mas sabíamos que havia actividade do inimigo porque flagelavam colunas nossas. Diziam-nos: “Temos de fazer a limpeza da zona”; mas não sabiam concretamente onde estava o inimigo. [...] Cheguei a permanecer na área do Toto vinte e tal dias, tal como na área do Buela e outras».

Ao longo de dois anos, o capitão Almendra participa com a sua companhia em operações prolongadas por cerca de 20 dias.

- «Eu fiz algumas, por exemplo a limpeza de 31 de Janeiro para a Mucaba, ao longo de 98 quilómetros tirei não sei quantos abatizes. Eles faziam valas grandes na estrada, que eram imperceptíveis do ar, e quem fosse descontraído nas viaturas enfiava-se lá dentro. Faziam valas da largura da picada, punham uns ramozecos debaixo, punham uma esteira e depois punham terra por cima. Parecia uma estrada, nós caíamos lá dentro. Lembro-me que nesse dia levantei 37 árvores e 36 desse tipo de valas. O pelotão [do ECav148] que estava nessa altura [desde 17Set1962] no 31 de Janeiro [ie, na Ponte do Rio M'Pozo] era comandado pelo [capitão de cavalaria João de] Almeida Bruno. Nessa altura eu vinha de Carmona, onde os civis tinham reivindicado a presença de uma companhia de pára-quedistas. Mas a tropa que lá estava não podia fazer mais nada do que fez».

Entretanto, casa com Maria Teresa Ribeiro Pinto Assoreira (nascida a 14Out1943 em Luanda, filha de Maria Helena de Araújo Ribeiro, e de Manuel José Pinto Assoreira, proprietários da Quinta das Arcas situada a 14km sul do Quitexe, a qual em 14Mai1961 fôra atacada pela UPA).

Durante a sua comissão, a 2^oCCP sofre 5 mortos: três causados pela UPA; e dois em acidentes relacionados com combate (um deles a auto-deflagração de granadas, o outro no salto sobre a Canda).

Em Jun1963 conclui no noroeste de Angola a sua 2^a comissão ultramarina e regressa a Lisboa, agraciado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma.

Pouco após chegar à BTP-Tancos, é convidado pelo comandante tenente-coronel PQ Mário de Brito Robalo, para cumprir comissão em Moçambique, a fim de formar em Lourenço Marques o 1^o núcleo do BCP31.

Em 18Set1963 nasce na capital moçambicana, o seu primogénito Frederico Manuel.

Prevendo-se o início da guerrilha no norte daquela Província Ultramarina, são intensificados treinos de contra-guerrilha, preparação física e multiplicados reconhecimentos terrestres em zonas previstas para novas operações, designadamente no planalto maconde. Sendo aquele o último teatro-de-operações ultramarino onde irrompe a guerrilha, é também o menos contemplado em meios materiais, nomeadamente em apoio aéreo para um terreno difícil e onde escasseia a água potável.

Entretanto, o BCP31 é reforçado com mais efectivos e o capitão Almendra assume a interinidade do comando daquela unidade.

Em 06Mar1964 passa a segundo-comandante, quando o tenente-coronel de cavalaria PQ Rafael Ferreira Durão assume o comando do BCP31.

Em Set1964 eclodem no nordeste os primeiros ataques terroristas e segue para Mueda uma companhia do BCP31 sob comando do capitão José Henriques Catroga Inês, acompanhado pelo tenente-coronel Durão, regressando dois meses depois à sede do BCP31 em Lourenço Marques, onde o capitão Almendra se mantém.

Em 24Nov1964 nasce sua filha Sofia Irene.

Em Jun1965 regressa a Tancos e faz o curso de promoção a major.

- *«Fui segundo-comandante de instrução e inclusivamente fui director de cursos de capitão: aproveitámos as instruções de combate para que eles fizessem uma demonstração prática da sua capacidade de comando; aproveitámos as nomadizações para fazer o teste dos tenentes para o curso de capitães, o curso de capitão caçador pára-quedista».*

Em 26Dez1965, sua filha Rita nasce em Lisboa.

Em Jul1966 nomeado para a Guiné em 4ª comissão ultramarina, a fim de comandar a Esquadra de Defesa da BA12-Bissalanca, a qual está sob comando do coronel tirocinado piloto-aviador José Krus Abecassis: o BCP12 tem apenas uma companhia de pára-quedistas sob comando de um capitão. No final de Dez1966 é lançada pela ZACVG sobre a Ilha do Como a *Operação Samurai*, sob comando do coronel Krus Abecassis, tendo o major Almendra como segundo-comandante operacional acompanhando as tropas pára-quedistas em combate. Ali verifica que o inimigo está muito melhor armado do que em Angola, consumindo o PAIGC munições sem quaisquer restrições. Por outro lado as tropas portuguesas dispõem de excelente apoio aéreo, quase imediato, dado as distâncias serem pequenas e a prontidão terrestre ser elevada; normalmente as operações são planeadas para um só dia e a guerra é mais compensadora, dada a frequência de grandes capturas de armamento inimigo.

Em 09Fev1967 nasce seu filho António Manuel.

Em Mai1968 regressa de Bissau a Tancos.

Em 08Jul1968 seu cunhado António Manuel, tenente miliciano 'comando' pára-quedista da 3ªCCP/BCP21, morre em consequência de combate durante a "Operação Pacaça Raivosa" na área do Úcuá.

Em Jan1969 vai por convite à Rodésia, onde faz um estágio de Pisteiros de Combate.

No leste de Angola o auge da guerrilha verifica-se nesse início daquele ano, com o predomínio inimigo do MPLA logo seguido por infiltrações da FNLA no nordeste com apoio do Zaire, enquanto a UNITA, sendo uma força pequena mas aguerrida, não causa grandes problemas.

Em 08Abr1969 nasce sua filha Patrícia.

Em Out1969 regressa a Angola como voluntário.

A partir da época seca daquele ano, com as operações anuais do Agrupamento Sirôco na ZML, começa o declínio das acções guerrilheiras. Se por um lado o terreno é mais fácil que no norte, não deixa de apresentar dificuldades para surpreender ou despistar o inimigo, pois os helicópteros são vistos ou ouvidos ao longe, tal como as colunas-auto dado que as matas são esparsas e muito diferentes do denso matagal do norte.

- *«Tivemos uma companhia em permanência em Ninda, no sul [ie, junto à fronteira sudeste do posto do Malundo], durante 2 anos. Cheguei lá em Outubro de 1969, ainda fui para Ninda 2 ou 3 vezes, mas depois aquilo deixou de ter interesse no aspecto operacional e passámos a companhia para Léua, a 60km [leste] do Luso.»*

É colocado no Léua, como segundo-comandante do BCP21 comandado pelo coronel Rafael Durão.

Alternadamente, saem para o mato a comandar operações, tanto na ZML como na ZMN.

Verifica que a norte do Toto e até São Salvador do Congo existe uma zona de capins altos, propícia para criar uma unidade relativamente próximo da fronteira, a fim de se opôr à infiltração do inimigo e obstar que este chegue às zonas de refúgio nas matas.

- *«Entre o norte de Angola e o Zaire, país que era o refúgio deles, onde estavam permanentemente e de onde partiam todos os reabastecimentos para a ZMN, havia uma zona a norte do Toto que era uma zona de capins, muito extensa. [...] É claro que a gente andava ali um dia, dois dias, mas depois eles tinham que se infiltrar. Demoravam vinte dias desde que saíam das bases do Zaire até cá abaixo,*

dias esses em que ficavam expostos numa terrível zona de capins. Estavam ali numa grande vulnerabilidade, tínhamos que os interceptar. [...] Quando cheguei a Angola tentei implementar essa técnica naquela zona. [...] Para usar com êxito as técnicas de pistagem tinha de haver colaboração da tropa de quadrícula, para dar informações. Tínhamos de saber qualquer informação, por mais insignificante que fosse ou parecesse, qualquer vestígio do inimigo».

A actuação das forças especiais modifica-se radicalmente a partir de Set1970, com o uso dos helicópteros 'Puma'. Assim, a diferença passa a ser essencial quando os 'comandos' ou pára-quedistas recuperados num local, são rendidos por tropas frescas actuando normalmente em grupos de combate com 25 efectivos, por vezes a grandes distâncias do posto de comando. Numa primeira fase são lançados quatro ou cinco grupos, rendidos quatro a cinco dias depois, os quais por sua vez são substituídos por outros grupos de combate após mais três ou quatro dias, numa acção permanente e contínua que, ao longo de três semanas desde a saída do quartel, se baseia no princípio de que o inimigo se acoita quando não quer travar combate, havendo então que prolongar a acção ofensiva até o obrigar a saltar dos seus refúgios. No primeiro dia tira-se o maior partido possível do elemento surpresa e lançam-se tropas heli-transportadas em determinada zona; nomadiza-se e procura-se porque, apesar das boas informações, o inimigo não é fácil de encontrar e os objectivos são muitas vezes fluidos, nem sempre sendo possível executar um heli-assalto directo sobre o objectivo.

Em 1970, agraciado com a segunda Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma.

- *«Em 1970-1971 houve grandes preocupações com o leste de Angola e foi para lá o general Bethencourt Rodrigues. Ele definiu qual a intenção do inimigo e começou sistematicamente a bater».*

Promovido a tenente-coronel, em Out1971 passa a comandar o BCP21.

- *«O BCP21 mandou um capitão e um sargento fazer o curso de pistagem à Rodésia, o [António] Loureiro Costa [recém-chegado do norte de Moçambique] e o António "Cerejo" Fernandes. [...] Começámos a fazer cursos de pisteiros em Angola. [...] Aquilo começou a resultar e começou a ser aceite porque resultou. Foi uma técnica introduzida com altos resultados, por iniciativa minha».*

Face à proporção dos mínimos meios usados e como não há infiltrações de grupos numerosos todos os dias – tal se verificando apenas quatro a cinco vezes por ano –, os primeiros grupos de pisteiros conseguem resultados espectaculares e chegam a capturar grupos inimigos quase completos. Para além da detecção de grupos inimigos, a técnica dos pisteiros serve também para a sua perseguição, superando falhas do Exército muitas vezes por desconhecimento ou ausência de meios. Por outro lado, a tropa de quadrícula continua a executar operações regulares de três a quatro dias, limitados pelas capacidades de resistência física e de deslocação dos reabastecimentos; a simples presença da quadrícula é importante e indispensável para operações especiais, tal como as informações recolhidas nos respectivos sectores que têm uma missão extremamente ingrata no quadro geral de uma guerra de guerrilhas.

- *«Um pisteiro via coisas que nós não víamos, inclusivamente o caminho que os tipos seguiam. Numa mata, muitas vezes diziam que não havia vestígios nenhuns no chão porque não era olhando para o chão que se via por onde eles tinham passado, era olhando para a frente. [...] Um dia [no início de 1972] andava-se a perseguir um grupo [do MPLA] no leste, que se tinha infiltrado [pela fronteira noroeste da Zâmbia] e que vinha na direcção de Nova Lisboa. Havia o [sargento António "Cerejo"] Fernandes, de que já falei que tirou o curso na Rodésia e era um homem que tinha nascido para aquilo. O Fernandes disse para o piloto do helicóptero, o [tenente-coronel piloto-aviador] Luís [Fernando] Almada [de Oliveira], que já morreu: "Meu tenente-coronel, os tipos passaram aqui depois das cinco da manhã". Eram para aí umas dez horas. Pusémos logo lá em baixo um grupo de pára-quedistas. Se os pisteiros nos dissessem que o inimigo passara ali há menos de seis horas, considerava-se contacto iminente. Eles podiam parar e estar mesmo ali, ou podiam perceber que estavam a ser seguidos e faziam-nos emboscadas. Era a doutrina: menos de seis horas, contacto iminente. Penso que uma das pessoas que lá estava era o [tenente] actual tenente-coronel [Américo] Taliscas, que está agora em Tancos. Então puseram cá em baixo um pisteiro preto, penso que era um "Flecha". [...] Não há dúvida nenhuma que eles se preparavam para irem para o planalto central em direcção a Nova Lisboa. Foram-se estabelecendo e, a determinada altura, pensaram que já tinham*

força suficiente para se opôr e fizeram instalações fixas [no sudeste distrital do Bié], pensando que já tinham capacidade para se aguentar. Através de documentos que a PIDE apanhou, tínhamos o esquema da organização do terreno deles. Eram os chamados esquadrões. Eles estavam muito bem equipados, tinham entre sessenta e setenta homens metidos em trincheiras. Simplesmente, enganaram-se. O primeiro contacto que tiveram [12-16Jan1972], em que se tentaram opôr à nossa tropa, foi com um ou dois pelotões [ie, grupos de combate] de comandos, cujo comandante [da 31^oCCmds], o coronel [então capitão, Fernando Gil Almeida] Lobato de Faria, foi ferido, levou um tiro numa coxa. [...] O [sargento pára-quedista pisteiro António] Fernandes tinha dito que era um grupo de quinze ou dezoito pessoas. Eles sabiam calcular: desde que houvesse vestígios de passagem num bocado de terra, mediam um metro e contavam as pegadas; num metro nunca se põe o mesmo pé duas vezes. O Taliscas insistia para o helicóptero que o pisteiro preto dizia que o inimigo já passara há dias, o Almada virava-se para o Fernandes e perguntava-lhe como era. “Eles passaram depois das cinco da manhã”, garantia ele. O Almada pô-lo cá em baixo no trilho, para ele explicar. [...] O segundo contacto que [os guerrilheiros do MPLA] tiveram [no sudeste do Bié] foi com um pelotão de pára-quedistas, que assaltou a zona entrincheirada, obrigando o inimigo a retirar com baixas e perdas de armamento. Eles não conseguiram aguentar um simples assalto de um pelotão de pára-quedistas. O grande mérito foi do [primeiro] sargento que lá estava, que era muito bom, o [Afonso Augusto] Morgado, que se apercebeu da situação e que, depois deles darem os primeiros tiros, arrancou com a secção dele para cima dos gajos enquanto eles estavam a mudar o carregador».

No início de 1972 é implementada nos Dembos a especialização de Pisteiro de Combate e em Abr1972 estipulada uma gratificação especial para o efeito. O curso de pisteiros de combate, institucionalizado e organizado pelo BCP21, decorre na Quinta das Arcas, onde é ministrada instrução a tropas pára-quedistas, ‘comandos’ e forças especiais constituídas por naturais de Angola.

- «Depois foi reconhecido o mérito a esse curso: até tínhamos uma gratificação que na altura era de quatrocentos escudos. Cada pisteiro habilitado com o curso recebia mais quatrocentos escudos do que qualquer outro combatente. [...] O oficial de operações da Região Aérea era [desde Out1971] o major Aurélio Benito Aleixo Corbal».

Obtém apoio do CEM-COMRA2, estruturando uma pequena UTCL (Unidade Tática de Contra-Infiltração), estacionada no AM33-Toto, com duas equipas de quatro pára-quedistas cada com a especialidade de pisteiros, dois helicópteros Alouette-II e um heli-canhão Alouette-III.

Em meados de Abr1972 é instalado o CECI (Comando Especial de Contra-Infiltração) com dois grupos de pisteiros no AM33-Toto, ponto altaneiro e central nos Dembos a sul do Rio M'Brije, que permite dominar a contra-infiltração numa zona propícia onde o inimigo, vindo do Zaire, deixa fortes vestígios na sua passagem pelos grandes capinzais, sobre os quais diariamente é feito de helicóptero um percurso transversal com cerca de 200km de largura e 150km de profundidade. Entretanto o quadro de pisteiros já tem cerca de quarenta efectivos, com uma técnica simples que permite ler no terreno o que se passa, qual o efectivo inimigo e há quanto tempo passou por uma determinada zona. O CECI passa a ser requisitado sempre que há lugar a acções de contra-infiltração, tanto no norte como no leste. Mas as forças terrestres começam a levantar problemas, por não querer que o CECI interfira nas respectivas áreas atribuídas à quadrícula do Exército, pretendendo que os grupos de pisteiros dependam dos correspondentes comandos de sector terrestre; contudo o comando da UTCL entende que tal não é eficaz, dado que se trata de operações especiais executadas apenas por militares que dominam essa nova técnica de contra-infiltração: as informações são recolhidas pelo CECI e pelas unidades de quadrícula mas, como estas têm de apresentar ao comandante da RMA os resultados do esforço do Exército, este fornece dados com atraso aos pisteiros do Toto.

- «A dada altura achou-se conveniente que algumas unidades tivessem pisteiros, que soubessem ler o terreno melhor que os outros. [...] É evidente que teve, como todas as coisas, o seu período de tirocínio. [...] Nós, os pára-quedistas, formámos pisteiros para outras tropas e tínhamos a exclusividade na formação de pisteiros. Nós é que tínhamos realmente um corpo de pisteiros, uns quarenta ou cinquenta. Defendíamos ser necessário ter uma ligação directa com o comando [de sector], por uma razão: quando os pisteiros detectavam a infiltração de um grupo inimigo, imediatamente se avançava, e a companhia pronta era a companhia de pára-quedistas, transportada em Noratlas para apoiar o combate do grupo. Só quando a prática demonstrou que realmente eram processos de actuação rendíveis é que eles [QG/RMA] aceitaram».

Sob o seu comando, o BCP21 actua em conjunto com forças irregulares (Flechas e GE's), e por vezes com 'comandos' e unidades de quadrícula do Exército, sendo porém na ZMN a partir de meados de 1972 que o Exército colabora mais com o CECI e os pára-quedistas, passando as operações a ser conjugadas no terreno e prolongadas até 25 dias, criando enorme instabilidade no inimigo e proporcionando bons resultados para as tropas portuguesas. A guerrilha no norte é dominada pela FNLA, que involuntariamente passa a ser aliada das tropas portuguesas, dado que simultaneamente persegue grupos rivais, que tentam chegar à 1ªRPM/MPLA, para completamento de efectivos da guerrilha nos Dembos e seu reabastecimento.

No entanto é na ZML, sob comando do general Bethencourt Rodrigues, que este oficial coloca alguma tropa de quadrícula sob orientação operacional dos pára-quedistas e as acções ofensivas prolongadas obrigam o MPLA a desistir de manter forças fixas no terreno.

- «Houve também [na ZML] as operações Sirôco, grandes operações anuais dos comandos, de grande duração, com grandes meios, em que eles batiam grandes áreas. [...] Durante os anos de 1971 e 1972 eu estive mais tempo no Leste do que passava em Luanda. Não sei quantas operações fiz no leste, todas com a duração de vinte e um dias. [...] Notou-se um certo abrandamento na guerra em Angola. [...] Fazíamos a guerra com muito maior consciência e muito mais eficácia. Por exemplo, o tal problema de fazer operações durante três dias e ao quarto ser recuperado. [...] Três dias era o normal porque era o limite da capacidade que a tropa tinha para levar comida, e até para o esforço físico, mas ao quarto dia tinha de recuperar. Isto não dava resultado, tínhamos que os pôr a mexer, sobretudo em determinadas zonas. Então fazíamos operações de 21-22 dias. Metia os pára-quedistas e os comandos no primeiro período de três dias. No sítio onde se recuperavam pára-quedistas colocava outras forças que nomadizavam. [...] Era um jogo do gato e do rato, o que não há dúvida é que o prolongamento da acção obrigava a que eles saltassem dos refúgios. [...] Fiz uma operação no leste de Angola em 1972, em que recuperámos 168 populares num só dia, que foram evacuados de helicóptero para o Alto Cuíto. Os populares apresentavam-se porque corriam o risco de ser massacrados. As operações em Angola não eram como na Guiné [Jul1966-Mai1968], onde às vezes dávamos um pontapé num paiol, num depósito de armamento e trazíamos de lá uma tonelada de armamento. Em Angola não era assim. Tive operações de capturar vinte e tal armas, o que para Angola era muito bom. Não eram armas encontradas em paióis, eram armas sacadas em combate. [...] A adopção de técnicas de contra-infiltração, implementadas a título permanente a partir de meados de 1972, no norte de Angola, resultando que a partir daí, nunca mais qualquer grupo inimigo vindo do Zaire chegou incólume às zonas de refúgio. [...] Em 1972 o BCP21, a três companhias de combate com quatro grupos de combate cada, realizou 48 operações onde foram consumidos 1314 grupos de combate/dia, com as seguintes baixas ao inimigo: 74 guerrilheiros mortos, 12 guerrilheiros feridos, 17 guerrilheiros capturados. Neste ano foram também recuperadas das matas quase duas centenas de civis. O material capturado ao inimigo foi: 1 morteiro 82mm, 1 metralhadora pesada, 6 metralhadoras ligeiras, 3 lança-granadas foguete (RPG), 25 espingardas automáticas, 6 espingardas semiautomáticas, 15 espingardas de repetição, 45 pistolas-metralhadoras, 1 pistola, 8 minas anticarro, 60 minas antipessoal, mais de 30 mil munições diversas. Os pára-quedistas tiveram neste período dois mortos (um em acidente de viatura na ida para a operação), e 14 feridos. [...] Entre outras operações que comandeï, recordo as operações Remir, Retorno, Regresso. Eram operações de vinte e dois dias. Na Zona Militar Leste, as operações dos pára-quedistas começavam todas por R, era uma questão de código. Fiz muitas. [...] Não trabalhávamos com menos de trinta homens no norte e dezoito no leste, porque no leste o terreno era mais aberto. Não eram muitos, eram dezoito homens independentes durante três dias; evidentemente que tínhamos comunicações e, se fosse preciso, seriam reforçados. As baixas dos pára-quedistas foram poucas. Por acção de combate do inimigo, enquanto comandante, nos anos de 1972 e 1973 tive vários feridos, mas só tive um oficial morto [em 23Out1972], o [tenente José Manuel de Sousa] Laranjeira Lima, que morreu porque rebentaram as granadas deles, e um soldado».

Em 1972, agraciado com a Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar.

No início de Mai1973, na ZMN o CECI recolhe notícia da infiltração de um grupo da FNLA vindo do Zaire: para o interceptar, é lançada em 15Mai1973 a Operação Brasão/BIH com a 36ªCCmds, em

conjunto com duas CCP/BCP21; apenas 1 guerrilheiro da FNLA tenta regressar à fronteira mas é capturado na área de São Salvador do Congo, tendo todos os restantes 64 sido mortos ou capturados e apreendido todo o seu material.

- «Essa operação demorava 22 ou 23 dias e foi numa área onde uma companhia do Exército tinha tido três ou quatro mortos; não era fácil, nem corrente, morrerem três ou quatro militares num golpe-de-mão. Foram duas companhias de pára-quedistas, uma companhia de comandos [36^oCCmds] e outra tropa. A operação tinha como base o Toto, onde eu tinha o meu comando. Em passagem por Luanda [BCP21-Belas] antes da operação, chamei um capitão pára-quedista, o [José Manuel] Gomes, comandante da 1^oCCP e disse-lhe: “Ó Gomes, os [helicópteros SA-330] ‘Puma’ vão deslocar-se na tarde da véspera, no dia D menos um, para o Toto, para depois no dia seguinte, às seis da manhã [de 16Mai1973] começarem a fazer as vagas de helitransporte para o Luaia. Você vai [em 15Mai1973] nos ‘Puma’ com um grupo de combate, trinta homens”. Dias antes da operação, fizemos uma passagem em avião Dornier com esse capitão e, quando passámos em determinada área, disse-lhe: “Você fixe esta zona porque vai ser largado aqui, os ‘Puma’ descem aqui, você sai aqui, mete o rumo não sei quantos e vai parar lá acima. Durante a noite desenrasque-se e vá fazer emboscadas lá para cima”. Para o tal sítio terrível. Quando no dia seguinte lançámos a operação, ele disse-nos: “Já cá tenho 1 metralhadora, 2 Kalashnikov e 2 pistolas-metralhadoras”. Já tinha 5 armas agarradas: antes de começar a operação já tinha 5 armas, nem o comando da ZMN ainda sabia que eu lá tinha o grupo. Começou a decorrer a operação e, a dada altura, chegou a notícia de que havia um prisioneiro que estava em São Salvador, um homem [da FNLA] que tinha fugido de um grupo que se vinha a infiltrar. Meti-me no helicóptero com dois pisteiros, um deles o [2^o] sargento [Manuel Joaquim da Rocha] Cruz, um óptimo pisteiro, fui a São Salvador e agarrei lá o preto que tinha fugido do grupo. Meti-me perpendicularmente ao trilho, no sentido leste-oeste, de helicóptero, pela estrada fora, a “rapar” baixo. Mas não havia maneira de o tipo me descobrir o trilho. Depois lá me disse – ele falava mal português –, que próximo da estrada eles não deixavam trilhos porque dispersavam. Fomos mais para o interior e descobrimos o trilho, que seguimos até que achámos o sítio onde eles tinham dormido na noite anterior. Agarrei num grupo de combate de pára-quedistas e meti-o lá. Para recuperarmos tempo em relação ao grupo que íamos a perseguir, havia uma técnica que eram os chamados saltos de rã: um gajo presumia que eles deviam ir em direcção de tal sítio, andava dez ou vinte quilómetros e metia lá um grupo; depois agarrava no outro grupo, ficava com um grupo disponível, e ia em saltos de rã. Eles tinham mesmo dormido ali naquela noite. O Cruz, que era o técnico, disse-me: “Meu tenente-coronel, são X indivíduos e dormiram aqui esta noite”. Já era tarde, eram quatro ou cinco da tarde, agarrei num grupo e meti-o lá. Disse-lhes: “Vocês agora, durante a noite, vão sempre a andar pelo trilho fora”. De manhã, quando lá cheguei, estava o comandante do grupo a falar muito baixinho: “Estou mesmo na cauda do grupo inimigo”. Apanhámos 64 pessoas».

As duas operações [Monção 300/AIH] da 36^oCCmds junto ao rio Vává, são executadas até 25Mai1973, sendo retomadas com a Operação Braçada/BIH em 22Jun-07Jul1973 na mesma área.

- «Comandei operações em que se incluíam companhias de comandos. [...] Um dia fui a um ‘briefing’ a Carmona, ao Uije, por causa de uma operação em que entravam pára-quedistas, comandos, GE e não sei se Flechas. Fez-se o ‘briefing’, o oficial de operações da ZMN explanou a operação, que era na zona dos rios Luaia [nordeste do Toto] e Vává, uma zona muito afectada, e no fim do ‘briefing’ já depois do almoço o general Aires disse que gostava de convidar o tenente-coronel Almendra para ser o comandante da operação. Eu disse que não havia problema nenhum, que podia comandar a operação. Depois percebi que o problema era eu ir comandar ‘comandos’ e por isso disse: “Eu não sei se os comandos têm algum problema em que seja eu o comandante, mas garanto-lhe que os pára-quedistas não têm nenhum problema em serem comandados por um oficial comando”. Estava lá o oficial comando [capitão Manuel Artur Ferreira], que disse: “Não temos problema nenhum, temos o máximo prazer em que seja o tenente-coronel Almendra a comandar”. Comandei mais do que uma operação com comandos».

Na ZML, em Set1973 o último grupo do MPLA sai pela zona do Chiúme para a Zâmbia (facto que antes de 10Nov1975 será confirmado pelo comandante Onambué), mas além-fronteiras mantém bases a partir das quais entram e saem.

- «O último grupo do MPLA no leste saiu à frente de um grupo de pára-quedistas, na área do Chiúme, e foi para a Zâmbia em Setembro de 1973. Isto foi-me confirmado pelo Onambwé, que fazia parte desse grupo. A partir dessa altura, o MPLA não tinha nada no leste, tinha na Zâmbia, e vinha fazer acções a Angola. A UNITA estava do nosso lado, mas deixou de estar a partir do momento em que foi para lá o general Abel Barroso Hipólito, que dizia que para ele eram todos iguais. Foi uma idiotice pegada. A carta de Angola tinha duas manchas vermelhas, que eram zonas onde nós não entrávamos porque eram da UNITA. [...] Em 1973 realizaram-se [até final de Outubro] 36 operações [do BCP21], onde foram consumidos 1142 grupos de combate/dia, com as seguintes baixas ao inimigo: 60 guerrilheiros mortos, 27 guerrilheiros feridos, 18 guerrilheiros capturados, quase uma centena de civis recuperados das matas. O material capturado ao inimigo foi: 2 metralhadoras ligeiras, 1 lança-granadas foguete, 25 espingardas automáticas, 8 espingardas semiautomáticas, 21 espingardas de repetição, 11 pistolas-metralhadoras, 47 minas antipessoal, mais de uma centena de granadas diversas, mais de 20 mil munições de armas ligeiras; muito outro material, nomeadamente equipamento, medicamentos e fardamento. Dizei finalmente que os resultados atrás referidos são muito importantes num teatro-de-operações como o de Angola, onde praticamente todo o material era “sacado” às mãos dos guerrilheiros. Que me lembre, nunca as tropas pára-quedistas encontraram em Angola qualquer depósito de material do inimigo. [...] Nos últimos quatro anos [1970-73] morreu [no BCP21] muito pouca gente, menos de uma dezena. As baixas em combate [nos 3 teatros-de-operações], por acção do inimigo, não são nada daquilo que se apregoa por aí. A maior parte deles morreram em acidentes de viação».

Em 19Dez1973 nasce sua filha Joana.

Naquele mês conclui a sua 5ª comissão ultramarina e regressa a Lisboa, agraciado com a Medalha de Prata de Valor Militar com palma.

Em Jan1974 nomeado segundo-comandante do DGA/FAP.

Em fins de Mai1974, o novo comandante do RCP-Tancos coronel Rafael Durão (até 25A colocado na 1ªRA e três semanas depois comandante da RMC-Coimbra), convida-o para seu segundo-comandante; e no dia 01Jun1974 apresenta-se em Tancos.

Em 12Set1974 vai passar férias a Angola, onde seus sogros residem.

Uma semana depois, encontrando-se em Luanda na messe de oficiais da FAP, é convidado pelo comandante do COMRA2 brigadeiro graduado António da Silva Cardoso, para comandar o COPLAD (Comando Operacional de Luanda), a fim de substituir o coronel ‘comando’ António Correia Diniz (comandante do CIC).

Em 16Out1974 regressa a Lisboa e três dias depois vê confirmada a sua nomeação para comandante do COPLAD.

- «Durante treze anos de guerra, só cá estive trinta e seis meses [Jun1965-Jul1966, Mai1968-Jan1969, Dez1973-Nov1974]».

Graduado em coronel, embarca no AB1-Figo Maduro em 21Nov1974 rumo à BA9-Luanda.

Antes do fonal daquele mesmo dia, toma posse do cargo de comandante do COPLAD e começa a enfrentar um período extremamente difícil: os comandos militares são diariamente confrontados, quase minuto a minuto, com diversos tipos de actividades por parte de cada um dos 3 ML's, que hostilizam tudo e todos, pretendendo sobretudo impôr-se uns aos outros; cada movimento pensa deter, num dado momento, o controle do poder e hostiliza os movimentos rivais, levando na enxurrada as desorientadas tropas portuguesas que acabam por sofrer a ressaca das agressões mútuas.

Em todo o território de Angola, está em marcha o plano de retracção de um dispositivo final com 40-50 mil efectivos militares, que se concentram nas grandes cidades.

Em Set1975 e face à experiência adquirida em contactos com MPLA, FNLA e UNITA, é graduado em general e nomeado CCFAA-adjunto com as funções de comandante operacional das Forças Armadas em Angola, subordinado ao alto-comissário comodoro Leonel Cardoso.

No planalto do Huambo, em 02Out1975 as tropas portuguesas retiram-se de Nova Lisboa, a segunda maior cidade angolana.

Entretanto, os principais meios de transporte estão ocupados por centenas de milhares de pessoas, que querem sair de Angola com os seus haveres.

Em 08Out1975 recebe informações seguras da intervenção cubana: encontra-se ao largo de Novo Redondo um navio; e em terra já estão contingentes cubanos.

Mais a sul, no planalto da Huíla o êxodo principal faz-se em larga escala rumo ao Sudoeste Africano e ao porto de Moçâmedes, onde desde meados de Set1975 se encontra à carga um navio.

Estando prevista para 15Out1975 a saída do último batalhão do Exército que se encontra no sul do território, apesar do MPLA levantar problemas ao embarque dos bens dos civis portugueses, o batalhão sai na data prevista e são colocados em Moçâmedes dois pelotões do BCP21, que terminam as operações de segurança para carregar o referido navio; e ainda se carrega um outro antes do final do mês, após o que os pára-quedistas regressam a Luanda.

Os últimos efectivos militares portugueses estão concentrados em Luanda e, com o aproximar da data de entrega do território, na capital angolana muita gente se convence que a FNLA vai tomar conta da situação quando os portugueses saírem: as forças do ELNA estão no Cacucaco, Bengo e Quifangondo, mas o MPLA está instalado com covas-de-lobo e trincheiras, apoiado por cubanos e outros mercenários no terreno em redor de Luanda.

Ao entardecer de 10Nov1975 embarcam na Base Naval de Luanda no navio 'Niassa', o alto-comissário Leonel Cardoso, o secretário-geral Gonçalves Ribeiro, o general graduado Heitor Almendra e os efectivos pára-quedistas do BCP21; e no navio 'Uíge' embarcam o Esquadrão dos Dragões de Angola e uma pequena força de marinheiros e fuzileiros.

Entretanto em Tancos, os pára-quedistas encontram-se sublevados e a maioria dos oficiais pára-quedistas em 11Nov1975 sai do RCP e apresenta-se no EMFA em Lisboa, ficando os sublevados entregues a meia-dúzia de oficiais do SG, a um capitão e ao major António Valério Mascarenhas Pessoa.

Cerca das 05:00 de 23Nov1975, estão à vista de Lisboa os dois navios com o último contingente militar regressado de Angola, entre eles todo o efectivo do BCP21. No barco dos pilotos da barra, segue uma mensagem manuscrita pelo CEMFA general Morais e Silva dirigida ao general graduado Heitor Almendra, dando conta dos últimos acontecimentos em Tancos e da sublevação dos pára-quedistas, a qual considera como "um caso arrumado"; e que com o BCP21 tem expectativas de recuperar a disciplina no Corpo de Tropas Pára-quedistas, devendo ser activada quanto antes uma nova base operacional na Cortegaça.

Logo que o navio 'Niassa' acosta, depara-se no cais com uma espécie de recepção que pretende sublevar o BCP21, cujo comandante Heitor Almendra desembarca com galões de tenente-coronel, dado ter cessado as suas funções de CCFAA-adjunto. Após três horas de impasse e dada a impossibilidade de seguir para Cortegaça, o tenente-coronel Almendra manda seguir para a BA2-Ota, onde fica guardado todo o material-de-guerra do batalhão pára-quedista regressado; e pede um transporte para fazer um reconhecimento na área de Cortegaça, a fim de avaliar possibilidades de ali instalar uma unidade pára-quedista.

No dia 25Nov1975, quando se prepara no AB1-Portela para seguir para Aveiro num avião ligeiro, acaba por ir com outros oficiais pára-quedistas e "uma quantidade de gente" (civil e militar), num Boeing para o Porto, onde recebe do CEMFA general Morais e Silva a incumbência de negociar a rendição dos pára-quedistas de Tancos.

Regressa a Lisboa e intima os sublevados à rendição incondicional, com apresentação dos responsáveis até às 01:00 de 28Nov1975, após o que teria de ser militarmente resolvido o problema. Enquanto aguarda resposta e a fim de preparar a acção militar, segue para o RCmds-Amadora onde se encontra o posto-de-comando do tenente-coronel Ramalho Eanes. Pouco depois ali recebe um telefonema de Tancos, dizendo que aceitam as condições.

O tenente-coronel Almendra viaja imediatamente para a BA3, onde se lhe entregam cerca de trinta oficiais e sargentos: a base fica completamente vazia e os responsáveis pela sedição seguem detidos para Custóias; (em consequência, é instruído complexo e volumoso processo para apuramento de

responsabilidades; de modo geral, os praças não são considerados responsáveis pela sublevação, e no total uma centena de militares são acusados e expulsos dos pára-quedistas; apesar de mais tarde amnistiados, nunca mais foram aceites no Corpo de Tropas Pára-quedistas).

No final de 1975, agraciado com a Medalha de Ouro de Valor Militar com palma.

O CEMFA general Morais e Silva cancela a activação de uma base na Cortegaça e em sua substituição decide reactivar a BETP (Base-Escola de Tropas Pára-quedistas).

Em Jan1976 promovido a coronel e nomeado comandante da BETP-Tancos, iniciando recrutamento e instrução de efectivos pára-quedistas, sobretudo praças que após o “25/11” ficaram reduzidos praticamente ao nada; e simultaneamente procede à recuperação de instalações degradadas no durante o PREC.

Em Nov1977 nomeado comandante-adjunto do CTP-Tancos, procedendo à reestruturação das tropas pára-quedistas.

Em Mai1980 promovido a brigadeiro, sendo o primeiro pára-quedista a ascender à patente de oficial-general.

Em 1981 agraciado pelo governo espanhol, com a Cruz de Guerra de 1ª Classe da Ordem de Mérito Militar de Espanha com distintivo branco.

Em 1983 agraciado com a segunda Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar.

Em 1984 agraciado com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos.

No final de 1984, sob seu comando, o CTP dispõe da 1ª Brigada Ligeira, totalmente armada e reagrupada, com elevado nível de possibilidades operacionais e apreciável prestígio nacional e internacional.

Em 29Jan1985 agraciado com o oficialato da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.

No mês seguinte, a seu pedido, passa à situação de reserva.

Em 1994 é presidente da Associação da Força Aérea.

Em 10Jun2006, major-general na situação de reforma, preside à comissão executiva do XIII Encontro Nacional de Combatentes, anualmente realizado defronte ao Memorial Nacional ‘Aos Combatentes do Ultramar’, e onde desde 1994 esteve sempre presente e integrando as respectivas comissões de honra.

fontes e bibliografia:

- arquivo pessoal do autor;
- ‘Paiva e Pona de Trás-os-Montes’;
- ‘Boina Verde’;
- ‘Os Últimos Guerreiros do Império’;
- ‘A Guerra de África’.